

Clay Brazil

O sargento esmoleiro

JORNAL DE BRASÍLIA

KURT PESSEK

14 MAR 1994

E a dona Cândido não matou ninguém, apesar da ameaça. Foi ato impatriótico, sem desculpa aceitável. Teríamos vários problemas resolvidos. Os eliminados passariam desta para outra melhor — segundo dizem — e ela seria confinada no cárcere. Seria? Grande progresso. No entanto, revelou-se mero estelionato expectante. E por falar disto...

O papa dos prestidigitadores dos regimes militares nos confessa ser o plano FHC o novo “estelionato eleitoral”. Mas votou a favor. Impossível entender. Depois se desdisse, devem ter chegado ao preço dele. Afinal, tudo se resume em dobrões, digo, dólares, digo, reais, digo, URV ou o diabo a vigor hoje neste País de múltiplas moedas e camaleônicas figuras.

Quem sabe a moeda da moda seja a camisinha? Talvez divisível por seringas únicas? “Vá minha filha — dizem as mães modernas —, se você comprou a camisinha e a seringa tudo ser-lhe-á permitido. Moral, ética, princípios se acham sob sete palmos. Foram meros preconceitos de gente antolhada, conservadores idiotas, sempre prontos

a combater a intelectualidade da época e dispostos a trabalhar de sol a sol para receber migalhas. Populacho desprezível. Lembre-se de trazer dinheiro, é o deus do momento”.

Sinto-me tal e qual rato de laboratório. A cada dia põem o queijo — em tempos de magras vacas foi substituído pela rapadura — em lugares diferentes. Onde estará a campanha para ganhar a rapadura? Agora falam em tablita, também importações de produtos para combater os oligopólios. São mestres em nos oferecer fumaça para esconder a incompetência. Concreto mesmo é o preço do feijão. Passou a ser comida de rico. Sólido e dolorido foi o tarifaço da energia elétrica. Demitiram o funcionário a título de mais fumaças. Ora! De que isso nos serve. Queremos, isto sim, o retorno dos antigos preços. Contudo a coragem do Governo não chega a tanto. Ou pega ou larga, eis a questão.

O dinheiro se liga intrínseca e indissolivelmente à confiança. Sem esta, nada feito. Como depositar confiança no plano FHC se mal soltaram as amarras e já começou a fa-

zer água? Até agora pouco se fez para deter impasses de primária estimativa. Depois dizem ser nossa a culpa pelo fato de não saber votar. Vide Pelé, o rei... da gafe.

Os políticos se assemelham ao salta-pocinhas dos EUA que veio cantar (sic) para nós. Muita luz, dança, som estrídulo e insuportável, mas cantar mesmo, qual! Tudo no Brasil exige notável exposição cênica. Real verdadeiro é o sargento da Aeronáutica esmoleiro no centro do Rio de Janeiro. Porém se diga, longe está de ser novidade. Conta Fortunato de Almeida — História de Portugal, Vol. V — que, em 1762, os sentinelas de Sua Majestade Fidelíssima, em Lisboa, “estendiam a mão à caridade” dos passantes. Imagine aqui na Colônia.

Aos atores desse “estelionato eleitoral” devemos lembrar do sagaz e decidido cego Aderaldo, cantador tihoso que alertava aos desafiantes: “Comigo ninguém se engane/ Nem queira divertimento/ Que eu sou cedo da vista/ Não do conhecimento”. Paciência tem limites minha gente.

■ Kurt Pessek é escritor